

Sobre a música dos gordos*

Maksim Górkí

Tradução de Érika da Silveira Batista**

RESUMO: Maksim Górkí (1868 – 1936), cujo nome verdadeiro era Aleksei Maksímovitch Peshkov, foi um escritor russo naturalista, comunista e precursor do realismo soviético. A obra de Górkí deu origem ao que se chama de literatura proletária, e ele tomou parte ativa na remodelagem da cultura na União Soviética, inclusive por meio da crítica literária e do jornalismo opinativo, como é o caso do presente artigo, publicado no jornal *Pravda*, nº 90, de 18 de abril 1928. Nele, Górkí destila veneno contra o jazz e fenômenos morais que relaciona com ele e considera característicos da decadência da sociedade capitalista, contrapondo-os à exaltação do trabalho e dos avanços científicos e culturais do homem, em especial do homem proletário. O artigo não reflete apenas a opinião isolada de Górkí, mas um posicionamento que se solidificou nos órgãos oficiais soviéticos com relação ao jazz, e serve como material de pesquisa para compreender a ideologia cultural da época stalinista.

ABSTRACT: Maxim Gorki (1868 – 1936), whose real name was Alexei Maksimovich Peshkov, was a Russian naturalist writer, a communist and a precursor of the Soviet Realism. Gorki's works gave origin to the so-called Proletarian Literature, and he helped to remodel culture in the Soviet Union. He did so not only through his works of fiction but also through literary criticism and opinion journalism, as it can be seen in this article, published by the newspaper *Pravda*, n. 90, April 18th, 1928. In it, Gorki spits harsh invectives against jazz music and some moral phenomena that he considers proper of the decadent capitalist society, juxtaposing them to the exaltation of labor and the scientific and cultural progress of men, especially the proletarian men. The article reflects not only Gorki's opinion, but a point-of-view that was adopted by the Soviet governmental organs concerning jazz, and thus it serves as research material to help comprehending the cultural ideology of Stalin's era.

Palavras-chave: Maksim Górkí; Jornalismo opinativo; Jazz. Progresso científico; Ideologia cultural soviética.

Keywords: Maxim Gorki; Opinion journalism; Jazz; Scientific progress; Soviet cultural ideology.

Noite.

* Tradução submetida em 07 de janeiro de 2019 e aprovada em 03 de fevereiro de 2019.

** Érika da Silveira Batista é tradutora de russo e inglês. Responsável pelo projeto “Literatura Russa para Brasileiros” ([site](#) e [redes sociais](#)). Bacharela em Direito e Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade do Vale do Itajaí (erika.sbat@gmail.com).

Original disponível em: <http://gorkiy-lit.ru/gorkiy/articles/article-80.htm>. De acordo com o texto do jornal “Pravda”, conferido com a versão datilografada autorizada (Arquivo A. M. Górkí). Acessado em set/2018.

E, no entanto, é esquisito chamar de noturno este céu admirável do sul da Itália, este ar saturado de luz azul clara e do calor perfumado da terra carinhosa. É como se a luz não partisse do sol, refletido pelo dourado da lua, e sim desta terra infatigavelmente fecunda, cultivada laboriosa e habilmente pelas mãos dos homens. Sem ruído, respira luz a folhagem forjada em prata das oliveiras, a instalação de muros de pedra disposta sobre as encostas das montanhas; esses muros previnem desabamentos, formam, nas montanhas, superfícies nas quais foram semeados cereais, plantados feijões, batatas e repolho, traçadas parreiras e bosques de laranjeiras e limoeiros. Quanto trabalho inteligente e persistente foi dispendido aqui! Os frutos alaranjados e amarelos também resplandecem através da translúcida névoa prateada, conferindo à terra uma estranha semelhança com o céu, fluorescente de estrelas. Pode-se pensar que a terra foi cuidadosamente enfeitada por seus trabalhadores para um feriado grandioso; que eles, tendo descansado esta noite, amanhã, com o nascer do sol, “regozijar-se-ão e alegrar-se-ão”.¹

O silêncio é totalmente inabalável. Tudo na terra está tão imóvel que parece esculpido nela pela mão do mais habilitado artista, fundido em bronze e prata azulada. O primor de tranquilidade e de beleza inspira pensamentos solenes sobre a força inesgotável do trabalho dos homens – do trabalho que

¹ Paródia à linguagem religiosa. Os verbos usados por Górkí no original são encontrados em diversas passagens bíblicas, como em Isaías 35:1 (O deserto e o lugar solitário se alegrarão disto; e o ermo exultará e florescerá como a rosa), Salmo 21:1 (O rei se alegra em tua força, SENHOR; e na tua salvação grandemente se regozija), Salmo 70:4 (Folguem e alegrem-se em ti todos os que te buscam; e aqueles que amam a tua salvação digam continuamente: Engrandecido seja Deus) e no Salmo 118:24 (Este é o dia que fez o Senhor; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele). Os versículos acima foram transcritos conforme a tradução Almeida Corrigida Fiel (ACF), lançada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil em 1994, texto disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/index>.

cria todas as maravilhas do nosso mundo —, inspira confiança no fato de que, com o tempo, essa força triunfante obrigará até a terra do distante Norte a trabalhar para o homem doze meses por ano, a adestrará, como se adestram os animais. Pensa-se com alegria e — “perdoem-me a expressão!”, como dizem os franceses — deferência religiosa no grande milagreiro, o homem, no futuro excelente que ele está preparando para os seus filhos.

Erguem-se na memória figuras e rostos de trabalhadores da ciência: pela Abissínia perambula o professor N. I. Vavílov,² procurando os centros de procedência das gramíneas alimentícias, desvelando-se para cultivar em grande escala na sua pátria aquelas que, dentre elas, não precisariam temer a seca; recordamos o que D. N. Priánishnikov³ relatou sobre as jazi-das de potássio junto às nascentes do rio Kama; erguem-se perante os olhos todos aqueles que se teve a sorte de ver: o grande homem I. P. Pavlov,⁴ Rutherford⁵ em seu laboratório em Montreal, em 1906; um após outro, erguem-se dezenas de inventores russos da ciência; recordamos os livros deles, e surge

² Nikolai Ivánovitch Vavílov (1887 – 1943), botânico e geneticista russo. Dedicou a vida ao aperfeiçoamento do trigo e outros cereais de uso básico da população. Criticado por Trofim Lysenko, cujas teorias genéticas tinham sido abraçadas como conceitos oficiais pela política stalinista, Vavílov caiu em desfavor junto ao governo. Foi preso em 1941, sentenciado a morte, teve a pena comutada, mas morreu de fome na prisão em 1943. Reabilitado pelo governo oficialmente em 1955.

³ Dmítri Nikoláievitch Priánishnikov (1865 – 1948) foi um agrônomo, bioquímico e fisiologista vegetal russo, fundador da escola científica soviética de química agrônômica. Membro de diversas associações e órgãos governamentais científicos da URSS e membro-correspondente da *Académie des Sciences* francesa. Herói do trabalho soviético, laureado com o Prêmio Lenin, Prêmio Stalin e outros prêmios soviéticos. Tentou tirar o geneticista Vavílov da prisão e apresentou a candidatura dele ao Prêmio Stalin.

⁴ Ivan Petróvitch Pavlov (1849 – 1936), fisiologista, primeiro russo a ser laureado com o prêmio Nobel (1904) de Fisiologia ou Medicina. Famoso pelo estudo do reflexo condicionado e do condicionamento, relevante tanto para o estudo do sistema nervoso quanto para o da psicologia comportamental.

⁵ Ernest Rutherford (1871 – 1967), físico e químico neozelandês, naturalizado britânico, laureado com o prêmio Nobel de Química em 1908 e diversos outros relevantes prêmios científicos. Famoso pelo estudo da radioatividade, por ter descoberto que ela causava a transmutação de um elemento químico em outro, distinguido as radiações alfa e beta, descoberto o conceito de meia-vida radioativa, e por ter criado o modelo atômico de Rutherford. Creditam-lhe, ainda, a primeira divisão do átomo. O elemento atômico n. 104 da tabela periódica, sintetizado pela primeira vez na década de 1960, foi batizado de Rutherfordído (Rf) em 1997 em homenagem a ele.

à vista o quadro da atividade admiravelmente frutífera, cada vez mais ativa dos trabalhadores da ciência no mundo. Nós vivemos em uma época em que a distância entre as mais loucas fantasias e a realidade totalmente concreta se encurta numa velocidade inacreditável.

Não faz muito, um dos nossos etnógrafos regionais, o camarada Andrei Bakharev, de Kozlov, recordou-me por carta de dois milagreiros: Luther Burbank, autodidata americano, e nosso genial Ivan Vladímirovitch Mitchúrin. Eu me permitirei publicar uma parte da carta do camarada Bakharev, esperando que ele não dê queixa contra mim por isso.

“Luther Burbank descobriu, como se sabe, uma série de segredos da hibridação interespecies de plantas frutíferas, como resultado do que obteve cultivares⁶ de plantas não apenas admiráveis, mas francamente monstruosas no que toca à sua produtividade, adaptabilidade, características de sabor, resistência a pragas e doenças, e com ele enriqueceu todo o continente sul-americano. Para fazer uma ideia desse gigante da fruticultura, basta mencionar seus ‘cactos’ comestíveis sem espinhos e as nozes cuja casca dura como pedra foi convertida por Burbank num invólucro fino como uma folha.

Entre nós, na URSS, nos arredores da cidade de Kozlov, *gubíernia*⁷ de Tambov, no solo ralo de um assoreamento de rio, afundando-se no bolor dos salgueiros, choupos e bordos que crescem selvagememente ali, estendia-se o pequeno em área, porém ainda mais admirável viveiro do profissional da hibridação e criador de novos tipos de planta Ivan Vladímirovitch Mitchúrin.

Luther Burbank trabalhava para o clima venturoso da Califórnia subtropical; Mitchúrin, para o clima severo da faixa central da Rússia.

⁶ “Cultivar” é a designação técnica de qualquer variedade de planta produzida por meio de técnicas de cultivo, normalmente não encontrada em estado silvestre. Provém do inglês, sendo um acrônimo de *culti(vated) var(iety)*, literalmente, “variedade cultivada”.

⁷ Principal divisão administrativa da Rússia, durante o Império Russo e início da União Soviética. Era governada por um governador, mas tinha muito mais subdivisões do que os estados brasileiros.

Luther Burbank criou muitos cultivares novos de plantas frutíferas, destinadas ao consumo pelos ricos, Mitchúrin criou mais de cem cultivares de árvores frutíferas, entre as quais há pereiras que amadurecem apenas perto do 'natal' (em porões, em caixotes) e que se conservam até abril nas condições mais primitivas.

Além disso, na severa região de Tambov, crescem e frutificam incrivelmente no terreno de Mitchúrin damasqueiros, videiras (quatro cultivares), amendoeiras, noqueiras, amoreiras, rosas búlgaras, marmeleiros, arroz, cânhamo-brasileiro etc. etc. — tudo isso é para os trabalhadores, tudo isso é para as nossas vilas, para o inexperiente fruticultor-camponês de conhecimentos limitados.

Luther Burbank mimou os seus pupilos; Mitchúrin educou os seus em condições espartanas, para que seu cultivar pudesse ser largado em quaisquer condições e gerar o efeito econômico necessário.

Luther Burbank, quando começou a trabalhar, era pobre, mas a partir do momento em que se tornou um inventor, passou a dispor das condições luxuosas da cultura americana. Mitchúrin — atentando para as tristes condições da realidade russa de então — vivia na pobreza, no limite com a miséria. Em uma vida longa, cheia de luta, de alarmes, infortúnios e desapontamentos, derrotas e vitórias, Mitchúrin ainda assim criou algo que pode enriquecer não apenas a faixa central da Rússia, mas toda a faixa temperada do globo terrestre. Em outras palavras, Mitchúrin está levando o Sul para o Norte.

Luther Burbank e Ivan Vladímirovitch Mitchúrin são dois polos opostos da fruticultura, mas em suas personalidades há muito em comum.

Ambos puseram mãos à obra já em tenra idade, ambos eram pobres, ambos grandiosos pensadores, artistas e inventores. Ambos fizeram as maiores descobertas na área do cultivo de plantas.

A Mitchúrin, particularmente, pertence a maior descoberta na questão do emprego, na fruticultura, de métodos que auxiliarão o homem, muito provavelmente num futuro próximo, a

criar não apenas novos cultivares, mas até novas espécies de plantas frutíferas, que correspondam de maneira mais completa às necessidades de sua vida, e se adaptem melhor às inevitavelmente mutáveis condições climáticas.

Os trabalhos de Mitchúrin já eram famosos dezoito anos antes da última guerra nos Estados Unidos da América do Norte, onde se cultivavam os cultivares dele, e o famoso botânico do instituto de agricultura de Washington, Prof. Meyer,⁸ visitou Mitchúrin algumas vezes durante alguns anos; em 1924, os trabalhos de Mitchúrin receberam profunda fundamentação científica na Alemanha. Mitchúrin é membro honorário da Associação de Naturalistas da Diretoria Principal de Instituições Científicas, Científico-Artísticas e Museus do Comissariado do Povo de Educação etc. etc.

Mitchúrin é um ancião. Ele tem setenta e dois anos, mas ainda inventa, continua a arrancar, um atrás do outro, os véus dos mistérios do mundo das plantas”.

O silêncio dessa noite, ajudando a mente a descansar dos diversos — ainda que insignificantes — amargores do dia de trabalho, como que cochicha para o coração a música solene do trabalho mundial dos grandes e pequenos homens, a lindíssima canção da nova História, a canção que o povo trabalhador da minha pátria principiou tão ousadamente.

Mas, de repente, no silêncio delicado, uma espécie de martelinho idiota começa a bater — uma, duas, três, dez, vinte pancadas, e, após elas, exatamente como um pedaço de sujeira na água mais limpa e transparente, despenca um ganido selvagem, um silvo, um estrondo, um uivo, um mugido, um estalo; irrompem vozes inumanas, lembrando o rincho de um cavalo, soa o grunhido de um porco de cobre, o zurro de burros, o coaxar amoroso de uma enorme rã; todo esse ofensivo caos de sons furiosos obedece a um ritmo mal captável, e, após escutar esses berros por um minuto ou dois, começa-se involuntaria-

⁸ O “professor” em questão muito provavelmente é Frank Meyer, que trabalhou na Ásia pesquisando técnicas de agricultura para o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). Este artigo fala que ele reportava suas descobertas a Washington e alude a visitas à Rússia: <http://arnoldia.arboretum.harvard.edu/pdf/articles/1984-44-3-frank-meyer-agricultural-explorer.pdf>.

mente a imaginar que uma orquestra de loucos está tocando, eles perderam o juízo por motivos sexuais, e quem os rege é uma espécie de garanhão humano, brandindo um enorme falo.

É o rádio, uma das maiores descobertas da ciência, um dos segredos extraídos por ela da natureza enganosamente muda. É o rádio no hotel ao lado que conforta o mundo dos gordos, o mundo dos rapaces, transmitindo-lhes pelo ar um novo fox-trote interpretado por uma orquestra de negros. É música para os gordos. No ritmo dela, em todas as suntuosas bodegas dos países “cultos”, gente gorda, movendo os quadris cinicamente, macula, simula o ato da fecundação da mulher pelo homem.

Desde tempos imemoráveis, grandes poetas de todos os povos, de todas as épocas, despenderam suas forças criativas para enobrecer este ato, embelezá-lo de modo digno do ser humano, para que o homem não se igualasse nisso ao bode, o touro, o porco castrado. Foram compostos centenas e milhares de poemas incríveis celebrando o amor. Esse sentimento desempenhou o papel de estimulante das forças criativas de homens e mulheres. Pela força do amor, o homem se tornou um ser incomensuravelmente mais social que os mais inteligentes dos animais. A poesia do romantismo terreno, saudável, ativo nas relações entre os sexos teve um enorme significado socialmente educativo.

“O amor e a fome governam o mundo”, disse Schiller.⁹ Na base da cultura está o amor, na base da civilização, a fome.

Chegou o rapace gordo, parasita, que vive do trabalho alheio, semi-homem com a palavra de ordem “Após mim, o dilúvio”,¹⁰ chegou e pisoteia com seus pés gordos tudo o que foi criado a partir do mais fino tecido nervoso dos grandes artistas que trazem cultura para o povo trabalhador.

⁹ No poema “Die Weltweisen” [Os sábios universais] (F. Schiller, *Sobranie sotchinenij v 8 tomakh*, M-L, 1937, t. 1, p. 126-128). Anotação presente no original.

¹⁰ Referência à máxima “Après nous le déluge”, atribuída a Jeanne-Antoinette Poisson, a Madame de Pompadour, amante do Rei Luís XV da França, supostamente dita por ela quando tentava consolá-lo pela derrota em uma batalha. Tornou-se um provérbio comum na França do Século XIX. Provável paráfrase de Lenin, que cita a máxima no mesmo sentido no livro A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la, de setembro de 1917: “...da burguesia, que, como sempre, se guia pela regra: «après nous, le déluge» — depois de nós, o dilúvio!” (Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/09/27-2.htm>).

Ele, o gordo, não precisa da mulher como amigo e pessoa; para ele, ela é apenas um divertimento, se não for uma rapace do mesmo nível. Nem para servir de mãe ele precisa da mulher, porque, apesar de ele amar o poder, filhos já o fazem se sentir limitado. E do próprio poder ele só precisa como que para o foxtrote; e o foxtrote se tornou indispensável porque o gordo já é um macho estragado. O amor, para ele, é a libertinagem, e vai se transformando cada vez mais numa perversão da imaginação, em vez de excessos da carne desregrada, como era antes. No mundo dos gordos, cresce de modo epidêmico o amor "homossexual". A "evolução" pela qual os gordos estão passando é a degeneração.

É a evolução da beleza do minueto e do caráter vivo e apaixonado da valsa para o cinismo do foxtrote com convulsões do Charleston; de Mozart e Beethoven para uma banda de jazz de negros que, provavelmente, riem secretamente vendo seus senhores brancos evoluírem para selvagens, dos quais os negros da América fugiram e fugirão para cada vez mais longe.

"A cultura perece!", clamam os defensores do poder dos gordos sobre o mundo trabalhador. "O proletariado ameaça arruinar a cultura", eles clamam, e mentem, porque não podem deixar de ver como o rebanho mundial de gordos está pisoteando a cultura, não podem deixar de entender que o proletariado é a única força capaz de salvar a cultura e aprofundá-la e ampliá-la.

Um baixo inumano muge palavras em inglês, aturde-nos uma espécie de corneta selvagem, recordando os gritos de um camelo adoentado, um tambor ribomba, uma flautinha desagradável estridula, rasgando os ouvidos, um saxofone grasna e buzina com voz fanhosa. Sacudindo os obesos quadris, arrastam os pés e sapateiam dezenas de milhares de pernas obesas.

Finalmente, a música para os gordos culmina em um estrepito ensurdecido, como se tivessem jogado uma caixa de louças do céu para a terra. Novamente faz-se um silêncio luminoso, e os pensamentos voltam para casa, de onde o correspondente rural Vassíli Kutcheriavenko me escreve:

“Antes, no nosso vilarejo de Rossoshinski, havia apenas uma escola para trezentas propriedades, e agora há três, uma cooperativa, três lindos recantos, um clube, uma *isbá*¹¹ que é uma sala de leitura, uma biblioteca, uma célula do partido e do *Komsomol*,¹² uma tropa de Jovens Pioneiros, círculos agrícola e de correspondentes rurais, temos nosso próprio jornal mural, muitas revistas, jornais, livros são escritos. De noite o clube fica cheio, o público vai de velhinhos de barba cinzenta a Pioneiros de lenços vermelhos.¹³ Os camponeses compram títulos de crédito¹⁴ com satisfação, até alunos de escola etc. Aqui, não faz muito, morreu uma velhinha de setenta e dois anos, que quando estava viva dizia ‘Eu entraria para o *Komsomol*, mas infelizmente sou velha. Por que foi que tudo isso chegou tão tarde?’ E antes de morrer disse que era para enterrá-la ao modo soviético, com uma bandeira. Essa velhota frequentava regularmente as reuniões do soviete rural, o clube e a sala de leitura que ficavam a algumas *verstas*¹⁵ de distância, e era como uma moça.

Há pouco tempo, a revista americana ‘Ásia’ escreveu um artigo com fotografias sobre nós a respeito disso mesmo”.

Maravilhosamente curiosa essa velhota engraçada. Sem dúvida, “uma velhota não faz cultura”,¹⁶ mas quantos desses – digamos – divertidos casos de “rejuvenescimento” de uma

¹¹ Isbá é a típica habitação camponesa russa, de madeira.

¹² Sigla de *Kommunisticheski soiúz molodióji* (Коммунистический союз молодёжи), União da Juventude Comunista.

¹³ A palavra usada aqui, *krasnopegie* (краснопегие), seria algo como “de manchas vermelhas (no pelo ou penas)”, já que *pegiy* (пегий) significa “malhado”. Essa palavra é usada primordialmente para animais, pombos, cachorros, etc. É provável a alusão aos lenços vermelhos dos Pioneiros, a organização infantil comunista, semelhante aos escoteiros, mas ela não implica o sentido negativo que a comparação com animais traria no português.

¹⁴ O empréstimo de valores do povo mediante a entrega de títulos de crédito era um meio comum de obter recursos para o desenvolvimento do Estado na URSS. De 1922 a 1957, foram emitidos 65 ciclos de títulos de crédito, realizando-se campanhas publicitárias com cartazes e jargões, alçando o empréstimo “à nação” à categoria de ato patriótico. Além de dinheiro, os títulos podiam ser obtidos em troca de gêneros alimentícios – pão, açúcar, sementes e outros produtos que a população do campo podia fornecer.

¹⁵ Antiga medida russa de comprimento. Uma *versta* equivale a 1.067 metros.

¹⁶ Jogo de palavras com o provérbio “Uma andorinha sozinha não faz verão” (na versão russa, primavera: «Одна ласточка весны не делает»).

velha pessoa do campo eu não conheço, e todos eles falam da mesma coisa: a nação russa está rejuvenescendo. É muito bom trabalhar e viver na nossa época.